

BIA! OK

Entrevista: Hermelindo Fiaminghi  
(Associação de Artes Visuais Novas Tendências)  
Regina Telles Rudge e Otávio G. Oliveira Neto  
10 mar. 1992, 5 pp. digitadas

Sil  
em 11.02.08  
conf. o  
texto um pouco  
cultu id.

**SII, verificar as anotações nas folhas, podem entrar como nota**

ICI – Gostaria que você falasse sobre a Associação de Artes Visuais Novas Tendências.

HF – A Associação Novas Tendências foi fundada em 1961 e era originária de uma dissidência ... O Waldemar Cordeiro, que era líder do Grupo Concreto, durante um tempo ficou um pouco isolado, devido às suas características de liderança ... Mas, ao mesmo tempo, ele estava um pouco isolado do meio artístico ... Nós mantínhamos contato com ele e tivemos a idéia, que partiu de Luís Sacilotto, de fazer uma associação. Nela, um grupo mantinha contato com artistas e colecionadores e essa era uma maneira também de dar uma abertura ao processo artístico na época. Isso vinha em contraposição ao Grupo Concreto de São Paulo, que era muito fechado. Nós achávamos que deveríamos abrir e aceitar pelo menos aquelas tendências válidas, na época, para a associação. Fizemos várias reuniões na Biblioteca Municipal com artistas das várias tendências, e surgiu assim a NT. E até foi imposta, na ocasião, uma condição: os demais participariam desde que o Cordeiro não fosse o presidente. E ele aceitou a condição. O primeiro presidente eleito pela maioria dos artistas participantes foi o Alberto Aliberti. Era uma pessoa que estava se iniciando em arte, na época. E também era preciso junto à Galeria, à Associação, alguém que tivesse uma credibilidade maior até em termos materiais, e nesse caso foi o Aliberti, que era industrial, o primeiro presidente. A proposta da NT era a seguinte: estimular as tendências novas e os artistas inventivos dessas tendências.

ICI – Você falou de tendências válidas... Esta abertura para as novas tendências incluía as Novas Figurações ...

HF – Desde que fossem vanguarda. Era um projeto de vanguarda. Isso não quer dizer que alguém ia aceitar pintores acadêmicos ou clássicos, etc. Era sobre pintores de vanguarda.

ICI – As Novas Figurações, vocês aceitavam ...

HF – Na época não havia ainda a Nova Figuração, não havia ainda essa corrente. A corrente da Nova Figuração foi em 1965, no fim da NT. Mas muita coisa surgiu de novo, não só aqui em São Paulo, como em Campinas e no Rio de Janeiro. A nossa intenção na época era tornar a NT um movimento internacional de artes visuais. Mas houve uma interrupção... Como de costume o Cordeiro não se deu bem fora da presidência e iniciou um movimento contra, o Sacilotto, o Mauricio Nogueira Lima e o Cordeiro saíram da NT. E pensavam que saindo da associação ela acabaria. Mas não acabou. A associação foi em frente. Restou o Willys de Castro, o Barsotti, eu, o Charoux, o Heinz Kuhn e o presidente {Sil, ver o FEJER????}

ICI – Que argumentação Cordeiro utilizava para discordar da associação? Por que ele rompeu?

Kaymax Fejes e  
o



HF – Porque ele achou que estava ocorrendo nessa abertura um pouco de oportunismo ...  
O Willys de Castro sempre foi um arregimenta — Mas não...  
dor de tendências, e o Cordeiro não compactuava com suas idéias. O Willys queria trazer artistas estrangeiros e tinha outras idéias válidas também. Mas o Cordeiro não concordou com essa escolha nem com a gerência do presidente Aliberti, que apoiava o regimento interno como ele foi feito. O Cordeiro queria mudar o regimento interno, e não conseguiu. Não conseguiu e saiu. Saiu e levou junto o Sacilotto e o Nogueira Lima.

ICI – Temos informações de que ele saiu quando ainda estava acontecendo a exposição inaugural...

HF – Ele chegou a tirar os quadros dessa exposição. Naquela coletiva em que ele fez o catálogo, a apresentação, já naquela coletiva que foi a primeira exposição, ele se retirou. Quer dizer, não esperou nem a coisa nascer, praticamente. Bom, era o estilo dele. Por isso que eles estavam sempre marginalizados de um certo grupo, de uma certa atividade. O objetivo da NT era ter uma associação, sócios colecionadores e sócios pintores, e essa associação mantinha uma galeria com o mesmo nome, que era a Galeria NT. E os colecionadores da galeria, da associação, os associados, eles tinham o direito aos quadros expostos. <sup>O colecionador</sup> Ele escolhia o quadro, como colecionador, e era estipulado o valor do quadro. E a mensalidade que ele pagava para a associação ficava valendo como pagamento do quadro. Era descontada no valor do quadro. <sup>O colecionador dele</sup> Ele era sócio ativo e ao mesmo tempo tinha algum rendimento posterior na escolha de um quadro. E nós tivemos somente dois colecionadores que compraram quadros, do Volpi... Ah! E os artistas doaram quadros, cada artista associado à NT doou um quadro para a galeria. O Volpi doou... O Volpi também foi associado... Todos doaram, menos os que saíram, que foram o Cordeiro, o Sacilotto e o Maurício. Em princípio a NT foi isso, mas ela se manteve aos trancos e barrancos por causa da parte monetária, financeira. Nós tínhamos um aluguel muito alto da galeria, na época.

ICI – A galeria ficava na rua General Jardim?

HF – Sim. Era na General Jardim. E nós não tínhamos outras fontes de rendimento a não ser a da associação e a da venda dos próprios quadros aos associados.

ICI – Só dois associados compraram ou só teve dois associados colecionadores?

HF – Só dois compraram.

ICI – E quantos eram os associados colecionadores?

HF – Eram uns 20, mais ou menos, no começo. Não foi muito bem trabalhada essa angariação de sócios. Poderia ter sido melhor. Deveria ser feita por pessoas que fizessem contato. Nós os artistas não fazíamos contato. Mas um relações públicas poderia procurar os colecionadores. Mas já o rompimento do Cordeiro, do Sacilotto e do Maurício Nogueira Lima com a galeria, com a associação, transmitiu insegurança no meio... As pessoas pensavam: “Não vai durar esse negócio. Não vou ser sócio de uma coisa que não vai durar”. E, ao contrário, durou seis anos, apesar dos trancos e barrancos. Em 1966, ela foi fechada. Em 1966, a sede foi vendida para a Xerox do Brasil e com a venda do ponto da sede nós pagamos todas as dívidas.

*Eu fiz todos os contatos para a realização desse negócio.*



ICI – Aqui está o catálogo da mostra inaugural, mas ela foi em 1963...

HF- Quando? 1963. É durou quatro anos, até 1967. Mas isso aqui começou a ser discutido em 1961 (olha o catálogo): o Aliberti, o Alfredo Volpi...

ICI – Essa associação nunca pretendeu ter um caráter como o do Grupo Ruptura, de agrupar membros que tivessem uma linguagem comum. Mesmo porque me parece que as exposições que foram realizadas, à exceção desta primeira coletiva inaugural, foram exposições individuais que não pretendiam lançar a idéia de um trabalho coletivo. Não é isso?

HF – Não, não teve esse objetivo de agrupar os artistas todos numa certa linguagem, não. Justamente era para abrir. Era o que depois Cordeiro veio a fazer. Deixa eu dar uma vista no catálogo da primeira exposição ...

Praticamente, com exceção do Fracarolli, os expositores da coletiva inaugural da NT são os mesmos elementos que expuseram na Exposição Nacional de Arte Concreta em 1956. São praticamente os mesmos, só Fracarolli é que não.

ICI – E a Mona Gorovitz?

HF – É, ela não expôs em 1956. O Aliberti também não expôs (na Exposição Nacional de Arte Concreta). Essa coletiva inaugural da NT, com seis membros do Grupo Concreto, foi uma coisa apolítica. É, eu acho que não deveria ser feita uma exposição assim. Deveria ser feita uma exposição coletiva com outros membros de outras tendências, entende? Mas a base dela era concreta. Se nós analisarmos os associados, que agora não me lembro os nomes. Tinha o Thomas Perina, o Raul Porto e a Maria Helena Motta Paes, de Campinas.

ICI – E o pessoas do Grupo Vanguarda...

HF – Era o grupo concreto de Campinas... Chama Grupo Vanguarda, né? Praticamente eram todos concretos, todos... Só o Heinz Kuhn que não expôs (na coletiva inaugural da NT), mas o Heinz Kuhn era construtivo. Quem não era concreto era construtivista. Não havia nada com a nova figuração

ICI – O que ficamos em dúvida é que a proposta era de abertura para elementos de vanguarda, mas em geral se apresentavam os concretos e os construtivistas. Qual era essa abertura ...

HF – Acabou se fechando de novo. Ampliou a prisão, a prisão foi ampliada.

ICI – A proposta era de abertura, mas de fato acabou não acontecendo.

HF – Os adeptos dessas tendências atenderam ao chamado mais rapidamente, e não de outras (tendências). Enfim, não abriu muito não. Porque o Barsotti e o Willys de Castro, que participavam do neoconcretismo do Rio de Janeiro, eram concretos, passaram a participar. Porque Fracarolli era construtivista, o Volpi era construtivista. (pausa)

ICI – Ainda existe a galeria?



HF – Não sei. Eu passei várias vezes lá, depois. Ela estava como era. A Xerox ocupou como loja. Atualmente eu não sei como é que está. É um espaço bom, é um espaço interessante, é um espaço razoável para ser uma galeria e uma associação.

ICI – As atividades da associação acabaram se centrando na galeria?

HF – É, o objetivo era a galeria. Eram as exposições e era a Galeria. A associação congregava esse pessoal, futuros expositores, etc., etc.

ICI – Você falou de outros dois objetivos. Um seria essa ligação com movimentos internacionais...

HF – Era a idéia de se manter, mas não se chegou a manter isso. O único contato que foi feito, que eu saiba, foi feito pelo Willys de Castro ao Morellet, na França, que era um pintor de tendência concreta. Quando eu estive lá, mantive contato com ele, também, mas isso depois; a NT já não existia mais. E também se pretendia manter contato com o pessoal da Argentina, os concretos argentinos.

ICI – Maldonado...

HF – Maldonado, aquele pessoal todo lá... mas não deu...

ICI – Você já falou de Campinas. E o pessoal do Rio?

HF – Campinas participou. Do Rio, só o Willys e o Barsotti, quer dizer, que eram do Grupo Neoconcreto, mas moravam em São Paulo. Chegamos a convidar Aluísio Carvão, que eu me lembro, assim, na época, e o Serpa, mas não chegamos a fazer exposição dele. Depois nós encerramos as exposições, porque não havia condições de manter. No fim da história, nós acabamos em meia dúzia de gatos. No último ano, era eu, o Féjer, o Charoux, o Barsotti e o Willys. Cinco ou seis pessoas. Aí nós fechamos. Nós a mantivemos ativas, bastante ativa, até essas exposições em 1965, dois anos depois, em 1967, eu fechei (fechamos). Foi quando nós vendemos a sede.

ICI – E essas exposições tiveram que repercussão no meio artístico?

HF – Na época, razoável. Havia sim a repercussão normal de uma galeria. Porque também as galerias não existiam assim a três por quatro. Existia o que de galerias naquela época, na época de 60?

ICI – A Domus ...

HF – A Domus já era antiga, mas ela vivia fechada. E ela era uma espécie de escritório de arte. Existia na Paulista uma, que era mantida por um secretário da Bienal. Eu não me lembro o nome dessa galeria, ela era bastante especial. Não havia, não era como hoje... Hoje as galerias movimentam as artes plásticas. Hoje é muito mais avançado, muito mais ativo. Naquele tempo não havia frequentadores de galeria.

ICI – E parece que um dos objetivos da associação foi estabelecer um contato com esse público colecionador.

M  
Av. Trólemao, 913  
PACATI PACET Pacet  
Pacat Paco E A a Pacat  
assobomadr



HF – Mais com o público... Havia um público restrito, bastante restrito, não era amplo não. Não era tão conhecido assim, tão catalogado como é hoje. Hoje esse pessoal está todo catalogado nas galerias.

ICI – Na verdade, o mercado de arte mesmo começa a surgir só em meados da década de 60 para início de 70.

HF – Em 70, <sup>é</sup> com aquele movimento que houve daquela galeria. Como é que chamava? Não me lembro... Foi uma galeria bastante ativa ali no Jardim Paulista. Ela tinha ligações com um banco, deu um tombo na praça... ~~O proprietário dela dizem que insinuou um suicídio, mas que não fez um suicídio, quem estava no caixão era um outro cara, uma figura de cena, uma coisa assim. Diz que o cara está vivo aí, fugiu com o dinheiro, nunca se sabe. Histórias do arco da velha, não é?~~

ICI – Você acredita que Waldemar Cordeiro, quando entrou na Associação de Artes Visuais Novas Tendências, teria por objetivo tentar retomar o espírito concreto? Ou seja, reorganizar o grupo construtivo em torno dele?

HF – Não, não me pareceu.

ICI – Eu digo isso por tudo o que você colocou. Na verdade, quase todos os integrantes eram concretos ou construtivos, então eu acho que, indiretamente, o que houve foi mesmo um agrupamento, mesmo que não com objetivos de alojar....

HF – Esse agrupamento já existia antes, não era necessário fazer uma associação para isso. A coincidência de estarem todos os concretos numa exposição é apenas um lado técnico da coisa, porque não havia ainda tantos associados na época. Havia dez, vinte, por aí, e esperávamos a chegada de mais artistas de outras tendências, que não ocorreu como se esperava. Mas não era idéia do Cordeiro reagrupar ou retomar as rédeas do Grupo Concreto. Não, pelo contrário, o que ele queria – pelo menos manifestou isso na fundação da Novas Tendências – era abrir, se ele não quis abrir eu não sei, <sup>na verdade</sup> ~~(incompreensível)~~ ele não sabia viver em abertura.

ICI – Ele era meio autoritário?

HF – As posições dele eram outras, ele precisava liderar. Se ele não estivesse liderando, se ele não estivesse à frente, na liderança de uma iniciativa, ele não se sentia bem, essa é a coisa. Foi mais por isso que ele se afastou. São estilos de pessoas, gêneros de pessoas. Há pessoas que, ao contrário, só sabem conviver coletivamente. São estilos... Eu, por exemplo, gosto muito de conviver coletivamente. Gosto de ter gente em volta para conversar, pra trocar idéias, eu gosto. Tem pessoas que não, são fechadas, mais arrivistas.

ICI – Como você veria hoje, com todas <sup>as</sup> essa experiência de ter participado e fundado a Associação, pensando-se em termos de inserção da associação dentro da história das artes plásticas no país, o resultado disso? O que significou a sua criação numa perspectiva histórica?

HF – Não significou muita coisa. Ela não chegou a criar uma participação maior das artes plásticas, ela não chegou a representar. Acho que ela acabou não sendo nada, essa

*na verdade  
ele só  
sabia  
e queria  
liderar*



é a impressão que eu tive. Ela deu muito trabalho, muita polêmica, me lembro que os remanescentes trabalharam em excesso para sustentar a galeria, e às vezes à própria custa, desembolsando numerário, etc. para mantê-la. Porque os meses venciam, então se cotizavam. E normalmente recaia sobre duas ou três pessoas. Mais eu e o Alberto Aliberti. Eu tinha uma agência de publicidade e o Alberto tinha uma indústria, então tínhamos um numerário maior pra poder investir e depois recuperar. Nós não perdemos isso, nós recuperamos. Isso no aspecto financeiro. Mas, culturalmente falando, ela não representou nada. Ela tinha um propósito muito bom, um objetivo muito bom. Eu até chego à seguinte conclusão hoje: é impossível reunir artistas sob uma idéia. Reunir um grupo, muitos artistas sob uma idéia. O artista é muito individualista. É uma característica do artista ser individual. Por isso ele tem o seu estilo na arte, tem a sua marca, o seu individual. É difícil se reunir. Há várias propostas para reorganizar grupos, etc. e eu não participo mais, não acredito mais nisso. Também sou individualista nesse sentido. Admiro muito quando ocorrem coisas assim, mas não acredito mais.

*ela*

Instituto de arte contemporânea